

O vínculo afetivo em grupos musicais amadores: estudo na Corporação Musical São Sebastião de Santa Cruz de Minas

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC

SUBÁREA: SA8 - SUBÁREAS E INTERFACES DA MÚSICA: MUSICOTERAPIA, ESTÉTICA MUSICAL, MÍDIA, SEMIÓTICA

Gleidson Jordan dos Santos
Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES)
gleidson.santos@fames.es.gov.br

Resumo. Este texto apresenta os resultados de uma Monografia de mesmo título que aborda os vínculos afetivos criados por membros de grupos musicais durante sua prática cotidiana em conjunto, incluindo as relações desenvolvidas com o professor e regente e as afinidades encontradas entre os participantes. Parte-se da Teoria do Vínculo e dos Processos Grupais abordados por Enrique Pichón-Rivière, associado ao conceito de Integração no ensino e prática musical exposto por Hans-Joachim Koellreutter e apoiado por Stephen Nachmanovitch. A função social da banda de música civil e a pedagogia utilizada nas mesmas são especificadas para ilustrar os processos que contribuem para essa integração. A pesquisa foi realizada na Corporação Musical São Sebastião da cidade de Santa Cruz de Minas através do método de Observação Participante.

Palavras-chave. Vínculo Afetivo, Educação Musical, Processo Grupal, Corporação Musical, Função Social da Música.

Title. The affective bond in amateur musical groups: a study at Corporação Musical São Sebastião de Santa Cruz de Minas

Abstract. This work addresses the emotional bonds created by members of musical groups during their daily practice together, which includes the relationships developed between teacher and conductor and the affinities found among participants. It starts with the Binding Theory and Group Process approached by Enrique Pichón-Rivière, associated with the concept of integration in the teaching and practice of music exposed by Hans-Joachim Koellreutter and supported by Stephen Nachmanovitch. The social function of marching band and pedagogy used in the same are specified to illustrate the processes that contribute to this integration. The survey was conducted in the Corporação Musical São Sebastião of Santa Cruz de Minas city, through the method of Participant Observation.

Keywords. Affective Bond, Music Education, Group Process, Marching Band, Social Function of Music.

Introdução

O caráter social da prática musical em grupos filantrópicos tem sido amplamente mencionado e influenciado diversos estudos (GONÇALVES; COELHO; CHAVES; RIBEIRO; FRADE; VIEIRA-SILVA; 2009; PENNA, 1990; PAREJO, 2001) na área de Educação Musical.

Todavia, a maioria foca-se mais nos processos socioculturais em si, sem relacioná-los às questões propriamente musicais ou do ensino musical. Através do interesse em aprofundar e compreender estas questões surgiu a ideia de realizar a presente pesquisa em um grupo musical, abordando aspectos relacionados ao vínculo interno do grupo, sua integração social, e como a música ali se insere.

Os grupos musicais desenvolvem um vínculo em prol da obtenção dos seus objetivos: uma performance musical de sucesso e digna de apreciação. Para atingi-los, os membros desses conjuntos passam por um processo contínuo de interação envolvendo a aprendizagem, a colaboração mútua, o convívio regular, os processos de comunicação, dentre outras. Nesse contexto, desenvolve-se a capacidade de integração social dos indivíduos e as relações afetivas em níveis distintos.

Através desta pesquisa, buscou-se identificar os aspectos da aprendizagem musical que se relacionam ao desenvolvimento dos vínculos, caracterizando de que forma estes influenciam na integração social de seus membros. E, conseqüentemente, como esses vínculos influenciam na performance musical do grupo. É importante ressaltar que o presente estudo se foca em grupos musicais amadores e filantrópicos.

Introduzindo os conceitos de vínculo e relação grupal de Pichón-Rivière

As reflexões deste trabalho têm um alcance que extrapola o âmbito da educação musical ao relacionar o objeto de pesquisa a outras áreas do conhecimento. Sendo assim, para a sua realização foi necessário a compreensão dos conceitos relacionados às relações interpessoais, abordados pelo psicanalista de origem suíça, radicado na Argentina, Enrique Pichón-Rivière, que estudou e desvendou conceitos sobre o vínculo e o processo grupal. Este não estudou o homem como um ser isolado, mas sempre inserido em um grupo.

De acordo com Pichón-Rivière (1988) existem três dimensões de investigação psíquica: a do indivíduo, a do grupo e a da sociedade. Esses três campos são interligados, integrando-se sucessivamente. O vínculo, como fruto das relações interpessoais, é apresentado pelo autor como a maneira particular pela qual um indivíduo se relaciona com os demais.

O autor afirma que para se compreender o vínculo é necessário partir das relações de independência e dependência entre os indivíduos de um determinado grupo. Quando um indivíduo depende do outro deposita partes internas suas nele, e quando acontece a retribuição

do outro agindo da mesma forma, ocorre entre ambos um cruzamento de depósitos, criando em cada um, dificuldades para reconhecer o que é propriamente seu.

Ramalho (2010) afirma que para Pichón-Rivière o grupo é um espaço para o crescimento tanto individual quanto grupal. Elaborando-se e solidificando-se através das interações que ocorrem no grupo, se este se desenvolve, os seus membros se desenvolvem juntos.

Os indivíduos assumem papéis no grupo em que se inserem. Esses papéis definem a maneira de ação do indivíduo perante os demais membros deste grupo. O nível de cooperação desses grupos pode ser operacional. Encontra-se um montante de vínculos no grupo, e a modificação de um dos parâmetros dentro dessas relações acarreta a modificação do todo. A relação de interdependência entre os indivíduos de um grupo delega funções a cada um, ou seja, cada indivíduo assume um papel perante o grupo (PICHÓN-RIVIÈRE, 1988).

Segundo Ramalho (2010) o grupo nasce consoante as necessidades e interesses comuns aos seus membros. Como cada indivíduo desse grupo é um ser histórico, além de social, muita carga individual é trazida por cada um. A interação pressupõe o contato com o outro. Muitas vezes os desejos e necessidades de cada um são transmitidos inconscientemente para os outros. Enquanto os participantes interagem, tornam-se cada vez mais significativos entre si. A ligação mais duradoura e a reincidência e aprofundamento da interação entre os sujeitos constitui o vínculo, este que os liga, mas não os torna iguais. Eles possuem uma dependência entre si, mas mantêm sua unidade, sua história de vida, necessidades e expectativas particulares. Então, com base em Pichón-Rivière (1988), pode-se afirmar que o vínculo seria, além da ligação entre sujeitos, a ligação das “cargas” pessoais que cada um traz, estabelecendo um processo de comunicação em um determinado contexto.

Ainda com base no autor, Ramalho (2010) fala sobre a necessidade de o indivíduo realizar um descentramento, o que seria um desligar de si e ir em direção ao outro. Dessa forma, o sujeito pode se reconhecer no grupo, com outras pessoas que também possuem necessidades com um objetivo a atingir em comum, apesar de suas próprias expectativas e histórias de vida diferenciadas. Ao descentralizar, as pessoas se abrem à interação e criação de vínculos que, uma vez internalizados, propiciam o desenvolvimento psíquico no que se refere ao trato com o outro, influenciando também na forma como cada um interpreta a realidade. Ao reconhecer o outro, mais afinidades podem ocorrer, gerando uma rede mais segura no grupo.

Ramalho (2010) traz que as transformações do grupo, bem como a criatividade, só acontecem na relação do sujeito com o outro, fazendo com que os conteúdos individuais sejam dissolvidos, “perdendo-se” o individualismo. A aprendizagem traz a ruptura com outra experiência, com outros modelos, constituída por momentos que se sucedem ou alternam. Quando ocorre o isolamento e estereotipagem nesse processo, geram-se perturbações. Para o bom funcionamento de uma equipe, cada indivíduo deve estar oportunamente inserido em seu papel no processo total, de forma que o objetivo em comum possa ser alcançado.

As relações entre ensino, prática musical e integração grupal

Como ressalta Koellreutter (1997a), as atividades musicais podem desenvolver a integração grupal, contribuindo em diversas áreas sociais. Para a valorização da atuação artística é muito importante a formação da personalidade e do caráter, que influenciam essa atuação e que estão em constante movimento de modificação.

Em meio à sociedade de massa moderna, o ensino de arte é uma ferramenta de preservação e fortalecimento da liberdade expressiva, pelo seu caráter de desenvolvimento de qualidades humanitárias. A prática musical contribui para o alargamento da consciência e para a modificação do homem e, conseqüentemente, da sociedade (KOELLREUTTER, 1997b).

Koellreutter (1997d) afirma que socializando os sentimentos, a música torna-se um meio de comunicação muito eficaz. Para ele, a função da arte consiste em socializar, transmitir e disseminar sentimentos no grupo. É abordada por Koellreutter (1997c) a necessidade de um mundo integrado, para haver um processo de desenvolvimento individual, pessoal e social visando à integração em um todo. Com um mundo aberto, defronta-se com a tarefa de estabelecimento de relações mútuas de afeto, amizade e boa vontade entre os humanos, com a valorização do compartilhar, o que se conquista e o que se cria por meio da cooperação planejada e da integração generosa em todas as esferas da vida. Isso implica na abertura da sociedade, e na mobilização de objetivos comuns, responsáveis pela coesão social.

No processo de educação musical, conforme dito por Koellreutter (1997e), pode-se desenvolver e aprimorar consideravelmente, por treinamento sistemático da audição e visão, a faculdade de percepção, assim como a capacidade de discernimento e análise. A comunicação e o contato humano podem ser desenvolvidos por intermédio de práticas de improvisação musical em grupos, por exemplo. O autor ainda destaca que as atividades musicais desenvolvem autodisciplina, concentração, subordinação de interesses pessoais aos interesses do grupo,

autocrítica, criatividade, desenvolvimento da sensibilidade relativa a valores qualitativos, além de agir na supressão de medos, inibições e preconceitos.

A beleza de tocar com alguém é a possibilidade de encontrar a unidade. É surpreendente a frequência com que dois músicos de formação e escolas diferentes se encontram e, antes de trocar duas palavras, começam a improvisar, revelando uma totalidade, uma estrutura e uma perfeita comunicação (NACHMANOVITCH, 1993, p.91). Segundo Nachmanovitch (1993), a música não nasce exclusivamente de um ou de outro, apesar de as particularidades exercerem grande influência, mas sim da comunhão das partes. O autor ressalta a importância da comunicação, não apenas musical, mas também o diálogo com palavras. Estas que podem exercer uma enorme motivação no outro, ou desmotivá-lo, além de indicar por meio de críticas e conselhos a melhoria de determinados aspectos.

Como dito pelo autor, alguns trabalhos exigem cooperar vários indivíduos para serem realizados ou, dependendo da situação, é mais divertido realizá-los em meio aos amigos. Isso leva à colaboração, num processo em que os artistas, por exemplo, exploram outros aspectos relacionados aos seus limites pessoais e profissionais, podendo se apoiar no outro para superar suas capacidades individuais.

Uma das grandes vantagens da colaboração refere-se ao fato de ser muito mais fácil aprender com o outro do que sozinho. A inércia existente no trabalho solitário, praticamente não existe em grupo. Um indivíduo instiga o outro, tornando o aprendizado multifacetado, renovador e revitalizante (NACHMANOVITCH, 1993).

Ele ressalta que durante a exploração do ofício de músico e educador, vive-se em comunidade e um indivíduo reage aos outros graças à capacidade de ouvir, observar e sentir [percepção]. A realidade compartilhada, criada neste trabalho, oferece mais surpresas do que se o mesmo fosse feito individualmente. Neste trabalho em grupo deve haver uma disciplina fundamentada pela mútua consideração, da consciência do outro, da disposição para a sutileza.

O autor define o sincronismo como a conjugação de dois ou mais ritmos numa só pulsação. Dessa forma, os ritmos fisiológicos de um corpo podem entrar em ressonância com o de outro corpo. Esse fenômeno, na prática, musical coletiva é utilizado para que se possa respirar, pulsar e pensar juntos. Mas as vozes não estão rigidamente presas umas às outras, mas sempre escapando ligeiramente e voltando a se encontrar em determinados momentos. A harmonia perfeita pode ser um êxtase ou um tédio, é essa oscilação que a torna excitante.

Há em cada ambiente uma energia muito pessoal e particular das pessoas ali presentes em determinado momento. Durante a integração do grupo, os seres individuais desaparecem e cria-se uma espécie de cumplicidade. Cada um capta os sentimentos dos outros e as mentes vibram no mesmo ritmo, trazendo à tona o sentimento de unidade (NACHMANOVITCH, 1993).

A noção de improvisação é fascinante por transcender fronteiras culturais, disciplinas artísticas e até mesmo o cotidiano humano. Ela se manifesta de formas diversas, mas sua essência é universalmente reconhecida e valorizada. A improvisação, como ato criativo e espontâneo, revela muito sobre a natureza humana e a capacidade de adaptação. Independentemente de escolas ou práticas específicas, a improvisação é intrínseca à experiência humana.

O improviso é um reflexo da nossa natureza humana, uma expressão da criatividade, uma ferramenta de comunicação e resolução de problemas, e uma parte essencial de diversas culturas e tradições. A improvisação nos lembra da nossa capacidade inata de nos adaptarmos e de encontrar beleza e significado na espontaneidade.

A motivação, o ensino de música e sua participação na construção do vínculo

Como ressalta Araújo (2011), a motivação está presente em qualquer atividade humana, apresentando-se como responsável pelo direcionamento das ações e escolhas dos indivíduos. Em um grupo musical, por exemplo, onde há constante desenvolvimento de habilidades e crescimento pessoal e coletivo, encontram-se sujeitos mais motivados a buscarem seus objetivos. Deve-se retomar aqui que essa integração é um dos fatores para a criação do vínculo em um grupo conforme especificado por Pichón-Rivière (1988).

Pichón-Rivière (1988) define o vínculo como uma relação particular com o outro. Essa relação é constituída por uma estrutura em constante movimento, funcionando, acionada ou movida por motivações psicológicas. Ao tratar do processo grupal, o autor afirma que a aprendizagem e a comunicação apresentam-se como aspectos instrumentais da conquista do objeto e possuem uma subestrutura motivacional. O processo responsável por promover a motivação é o da recriação do outro, ou seja, o reconhecimento de suas características no outro, bem como a abertura para aceitar suas particularidades, adquirindo em cada indivíduo uma determinação individual.

Segundo Ramalho (2010), é através da interação, que as necessidades e os interesses individuais são compartilhados, e o conhecimento elaborado. Isso se dá pela motivação e mobilização presentes no grupo e em cada um de seus membros a partir de seus objetivos comuns e individuais. Paralelo a isso, o grupo é um lugar propício à formação do conhecimento por seu significado histórico. Muitos dos conhecimentos existentes, científicos e culturais, foram elaborados através das relações entre indivíduos, e através deles nos tornamos sujeitos. Nesse sentido, a autora afirma que Pichón-Rivière adverte que o grupo é essencial para o desenvolvimento do psiquismo. Ainda conforme Ramalho (2010), Pichón revela que se deve ter sempre em mente o aspecto das contradições eminentes ao grupo, ao buscar compreender um grupo em formação. O grupo, em seu início, desencadeia resistências à integração, o medo surge por ser algo inexplorado, desconhecido.

A função da banda de música civil

A tradição das bandas de música no Brasil, vem da época da colonização, o que inclui grupos compostos por negros escravizados dirigidos por mestres europeus em várias fazendas do interior já no século XVII. A intensidade dessa tradição ao longo da história do país penetrou na consciência cultural do brasileiro, principalmente nas cidades do interior que não sofreram um processo desenfreado de metropolização. Os trabalhos apresentados ao longo deste tópico referem-se a grupos musicais de sopro e percussão amadores e filantrópicos, cujas atividades seguem um roteiro centenário (GRANJA e TACUCHIAN, 1985).

Granja e Tacuchian (1985) afirmam que em determinadas cidades a banda de música é a única forma de o povo conhecer a música. A grande maioria das corporações mantém escolas livres de música como alternativa, muitas vezes única, de atendimento aos interessados em aprender música. O aprendizado acontece por meio do convívio com os músicos e a frequência aos ensaios e, formalmente, em aulas teóricas e de solfejo. Diante da carência de incentivos à educação musical no âmbito escolar e do alto custo de manutenção e aquisição do instrumental, as bandas civis vão suprimindo as necessidades da iniciação instrumental.

A semântica da banda de música é um tripé comunitário, cultural e educativo. Ela está presente nos momentos de solenidade e de lazer, preservando o patrimônio musical do seu povo e se mantendo como uma escola de portas abertas para sua comunidade. Novas expressões sociais surgem ao longo do tempo, mas não excluem as antigas, desde que estas guardem sua função social (GRANJA e TACUCHIAN, 1985).

A preparação dos músicos nas corporações musicais faz-se através do contato direto com o instrumento e com o repertório. O aprendiz recebe noções teóricas simplificadas em métodos disponíveis em formato de pequenos livros impressos e trabalha o básico da técnica para tocar um instrumento. Em pouco tempo, o aluno consegue tocar músicas simples e já é incorporado ao conjunto. A partir daí ele se depara com trechos mais difíceis e se esforça para tocar o que consegue, sendo as dificuldades muitas vezes estimulantes, assim como o fato de estarem se apoiando em outros músicos, o que o faz buscar superar os obstáculos encontrados (CONDE e NEVES, 1985). Conforme Campos (2008) o aprendizado musical torna-se apenas um dos aprendizados possíveis. Vínculos são formados a partir das relações estabelecidas entre os músicos e com a música baseados na amizade, no reconhecimento, na disciplina e no prazer proporcionado pela prática musical.

A inclusão social, devido à gratuidade do ensino nas corporações musicais e as possibilidades de ocupação e profissionalização, é de grande importância se for considerada a falta de oportunidade que determinados alunos possuem. Geralmente, as famílias não possuem condições de comprar um instrumento ou investir em aulas de música. As corporações contam com a oportunidade de emprestar um instrumento ao aluno (CAMPOS, 2008).

Método

O método de pesquisa qualitativo escolhido para essa pesquisa foi a Observação Participante. Correia (2009) ressalta que essa metodologia é realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador com seus atores sociais, incluídos em seu contexto cultural. A Observação se constitui como uma técnica de investigação, e pode ser complementada com a realização de entrevistas semiestruturadas. A Corporação São Sebastião do município de Santa Cruz de Minas possibilitou, enquanto grupo musical, a execução integral desta pesquisa.

Foram entrevistados dezesseis membros escolhidos aleatoriamente conforme a disponibilidade dos mesmos, abrangendo idades variadas, incluindo o Mestre da banda e o Presidente. Os participantes tiveram a opção de responder à pesquisa oralmente, tendo a fala gravada, ou por escrito, por meio de um formulário impresso. Nenhum dos músicos convidados a participar das entrevistas se recusou a fazê-la.

É necessário destacar que esse estudo fruto de uma exploração inicial que inclui descreve generalizações baseadas na experiência do pesquisador. É necessário que outras

metodologias sejam aplicadas posteriormente para comparar, reafirmar ou refutar alguns dos resultados obtidos. Todavia, traz um rico desenvolvimento de conexões áreas diversas para se pensar a importância do vínculo afetivo em corporações musicais, instituições incontornáveis para a formação de agrupamentos musicais no Brasil.

Resultados e discussões

Observou-se que quando o ensaio começa com muita cobrança, necessária para disciplina, o ensaio fica um pouco tenso. Os músicos demoram a tomar a música como algo prazeroso, ficando temerosos às repressões do Mestre da Banda e pouco receptivos à mensagem principal da música. Porém, no decorrer do ensaio, e do desenvolvimento do estudo em conjunto dos músicos com o regente, essa relação vai melhorando e ao se conseguir uma harmonia entre os músicos de sopro, percussão e o regente, o trabalho começa a fluir melhor. O grupo estabelece uma interação em prol da realização da tarefa estabelecida durante o ensaio. Quanto mais integrados, mais motivados eles ficam para desenvolverem o repertório. Para esse desenvolvimento do repertório é necessário estarem dispostos a desempenhar suas funções como instrumentista individualmente sem desprezar a dinâmica do grupo, e estarem em constante diálogo com os demais integrantes. A percepção do que os outros estão tocando, bem como a atenção à regência e aos aspectos técnicos estabelecidos por consenso entre o grupo, estão presentes nessas práticas e, juntamente aos demais aspectos de interação, são a essência para o estabelecimento do vínculo grupal. Tem-se aqui a exemplificação do vínculo conforme especificado por Pichón-Rivière (1988).

O Mestre da banda se esforça para manter um diálogo constante com os músicos, buscando com a interação uma melhor receptividade e retorno do músico em relação ao seu trabalho de regência. Cria-se também durante os ensaios uma constante relação entre os músicos ao se trabalhar aspectos que necessitam do diálogo musical propriamente dito; estamos nos referindo às questões como acompanhamento e melodia, pergunta e resposta, canto e contracanto/ponto e contraponto e demais aspectos afins. Estes aspectos exigem de cada indivíduo atenção aos outros participantes, bem como controle ou mesmo retenção de suas particularidades em prol do conjunto. A performance musical coletiva não é fruto de apenas um instrumento, mas do encontro entre o conjunto de instrumentos. É a união entre o ritmo executado pela percussão e estabelecido pelo regente junto à expressividade, bem como a melodia de cada instrumento e a harmonia, resultando no encontro entre as várias vozes que

produzem música e a difere dos ruídos eminentes da poluição sonora cotidiana. Fica evidenciado a presença do ‘descentramento’ citado por Ramalho (2010) ao abordar as características do vínculo conforme Pichón-Rivière.

O Regente ao tomar a batuta frente à banda assume um papel de liderança, e tende a manter uma postura mais séria e rigorosa para manutenção da ordem. Em alguns momentos permite alguma descontração, mas busca sempre manter o controle para não haver distanciamento do objetivo primeiro dos ensaios que é o estudo do repertório. Constantemente o Mestre da banda busca não deixar que a amizade que possui com a maioria dos músicos interfira no seu papel como Regente e professor. Ou seja, os papéis desempenhados por cada participante da banda não podem fugir às especificações determinadas pela tarefa estabelecida durante o ensaio, do contrário, haveria um prejuízo na execução desta, e, conseqüentemente, na obtenção dos resultados pretendidos.

Fora da banda, a relação do regente com a maioria dos músicos é de amizade, tendo, com alguns, vínculos mais fortes que os levam ao constante diálogo e companhia. A grande maioria dos músicos da CMSS também mantém amizade entre si fora da Banda, dividindo-se em grupos diversos de amizade, conforme o bairro em que moram ou a escola onde estudam, ou mesmo para a realização de atividades de diversão e entretenimento entre amigos. Nesse contexto podemos nos remeter a Nachmanovitch (1996) que fala da importância do prazer promovido ao realizar uma atividade em meio a amizades. Dessa forma, o ensino e a prática musical dentro desses grupos são motivados e adquirem também uma função de lazer.

A vontade dos músicos em atingir um bom resultado musical os estimula a unirem forças para o trabalho em conjunto, atentando-se mais às suas funções como instrumentista, cada um buscando dar o seu melhor e suprimindo suas responsabilidades em cada música. O desejo de atingir o objetivo comum de uma boa performance perante o público, fez com que cada indivíduo assumisse com dedicação máxima seu papel no grupo para a realização da tarefa, o que motivou a obtenção de um resultado satisfatório. Isso indica que o grupo se configura como operativo na visão de Pichón-Rivière (1988).

Em alguns poucos casos onde músicos não se dão bem, há uma dificuldade de interação entre eles, prejudicando o diálogo musical. Em determinadas situações onde ambos os indivíduos tocam o mesmo instrumento, um deixa de tocar ou executa com pouco entusiasmo devido ao outro, ou surge uma competição para saber quem toca melhor, fazendo com que ambos ultrapassem limites relacionados a aspectos técnicos da música trabalhada e

consequentemente desrespeitem a dinâmica do grupo. Essa dificuldade de interação, na maioria das vezes, traz prejuízo à prática em conjunto com o grupo, atrapalhando a performance musical da banda. Por outro lado, se o músico se sente instigado a tocar mais que seu rival, consegue atingir um desempenho individual melhor, mas é imprescindível que este saiba renunciar a sua individualidade em prol do grupo (descentramento).

O interesse dos entrevistados em entrar na banda surgiu ou por tradição familiar, ou por ter amigos tocando nela, ou geralmente por vê-la tocando em alguma festividade dentro e fora do município de Santa Cruz de Minas. A maioria dos entrevistados não possui instrumento próprio, tendo sido contemplados com o empréstimo fornecido pela banda.

A maioria coloca a amizade, união e o sentimento de pertencimento existente entre os membros da CMSS como o que eles mais gostam. Outras respostas sobre o que mais gostam incluem tocar, participar de apresentações e tocatas, viajar com a banda e os lanches. Nota-se que os fatores de integração entre os músicos são os que mais os agradam. O sentimento de pertença do grupo e o renome da entidade também influenciam nesse sentimento de bem-estar coletivo.

Todos os entrevistados disseram ter uma boa relação com o Regente, e poucos, apenas três, disseram não perceber que isto influencia na maneira como eles atuam na banda. Alguns colocaram essa relação como motivadora e facilitadora no processo de aprendizagem. As frases mais marcantes incluem “com certeza influencia, eu gosto da rigidez dele, porque isso educa a gente. Como regente ele é ótimo” e “se não tiver amizade [isso] prejudica, é ela que nos faz permanecer aqui na banda”. Relacionado a isso podemos nos remeter ao pensamento de Koellreutter, quando reforça a ideia de integração para um ensino de música que atinja a todos. Podem-se perceber ainda os sentimentos carinhosos manifestados pelos músicos pelo trabalho de liderança motivadora. O regente respondeu ser “muito bom esse relacionamento de amizade”. Isso influencia positivamente, (...) é um motivo de estar na frente da banda”.

Sobre o relacionamento com os demais membros da Banda de música, a grande maioria disse ter boa relação e, em alguns casos, criam laços de amizade que se estendem para fora da Corporação. Apenas dois entrevistados disseram não serem influenciados por isso. Os demais acreditam haver uma influência positiva, numa relação onde um contribui com o outro. Eles atribuíram a essa relação o fator de criação de um ambiente prazeroso e também a disposição de ânimo promovida para a execução do repertório. Para um dos entrevistados “quando você se sente bem em algum lugar, você dá o seu melhor”. Segundo outro entrevistado

“isso me influencia porque quando alguém me deixa triste ou alguém que eu gosto não está aqui, não tenho vontade de tocar”. Relacionado a isso, Stephen Nachmanovitch (1996) nos aponta a importância do outro na motivação para tocar o instrumento e produzir música.

Ao serem questionados se preferem tocar sozinhos ou em conjunto com a banda, a maioria respondeu preferir tocar com o grupo, pois a sonoridade é melhor. Ao atribuir grande valor à execução de repertório em conjunto, e pelo fato dessa sonoridade produzida em grupo lhes atrair mais, alguns dos entrevistados disseram acreditar que não se pode fazer música individualmente. Vale ressaltar que eles executam apenas repertório para grupos e provavelmente não foram apresentados ao repertório para prática solo. Outros disseram que a vontade de tocar em grupo ou sozinho depende do seu estado emocional, quando tristes preferem se isolar e quando alegres gostam de estar em meio à Banda.

Alguns dos entrevistados já se afastaram da Banda por algum período e os motivos que os fizeram retornar inclui o sentimento de saudade de participar do grupo, de estar entre os amigos e de tocar com eles. E os motivos que mantêm todos os entrevistados participando da Corporação envolvem os vínculos afetivos criados, o fato de lidar com música, e o sentimento de gratidão e de necessidade de auxiliar os demais membros e a entidade.

Os sentimentos que os entrevistados atribuíram à Corporação e aos seus membros são de afeto, carinho, consideração e amizade. Segundo um dos entrevistados pela banda, nos seis anos que tocamos juntos, sei lá, acho que é amor como de uma família. No dia que não tem banda você sente que está faltando algo no seu dia. O pessoal é como se fosse uma família mesmo, como irmãos e tudo mais”. Alguns disseram que o fato de amigos se afastarem da banda os desmotiva e que sentem falta do vínculo que haviam estabelecido com eles enquanto tocavam juntos.

Considerações finais

Como dito por Enrique Pichón-Rivière (1988), o vínculo é fruto da constante interação entre os indivíduos agrupados em prol de um objetivo comum a todos eles. A prática musical bem como o ensino de música, com base em Koellreutter (1987, 1997a, 1997b, 1997c, 1997d, 1997e) pode e deve promover a integração em prol da performance e aprendizagem musical. Ambos os processos são intensificados pela prática musical em conjunto ao se considerar os aspectos necessários para a realização desta tarefa, incluindo os aspectos técnicos da prática coletiva e a predisposição psicológica para interação com o outro.

Na Corporação Musical São Sebastião de Santa Cruz de Minas pode se evidenciar que os fatores que promovem a integração do grupo, sejam musicais ou não, são responsáveis pela manutenção dos integrantes na mesma. A satisfação promovida por este ambiente que os próprios julgam como familiar os motivam a dedicarem e se esforçarem para se tornarem cada dia melhores para beneficiar o grupo. Tendo em vista todas as dificuldades e a falta de recursos existentes nessa Corporação, pode-se constatar que os seus membros estão dispostos a superá-los por criarem laços afetivos com os demais participantes. Mais uma vez, a prática e o ensino de música agindo como promotores de integração contribuem para a consolidação desses vínculos afetivos motivadores.

Percebe-se que sem a motivação ocasionada pelo vínculo grupal e pessoal estabelecido entre os membros da CMSS, provavelmente não haveria uma participação tão efetiva dos envolvidos. Deve-se ressaltar também que o grupo não se restringe apenas ao objetivo primário de aprendizagem e performance musical em conjunto, mas adquire funções sociais, bem como o lazer promovido pelo bem-estar. A amizade, apontada pelos entrevistados como o vínculo mais presente entre os eles, os possibilita confiar uns nos outros, a aceitação do que lhes diferente e, conseqüentemente, a aceitação do novo, o que é essencial para a efetivação do aprendizado tanto intelectual quanto pessoal no que concerne à constante formação da personalidade.

Referências

ARAÚJO, Rosane Cardoso de. Motivação e ensino de música. In: ILARI, Beatriz & ARAÚJO, R.C (org.) *Mentes em música*. Curitiba: Editora UFPR, 2011.

CAMPOS, Nilceia Protásio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 19, p. 103-111, mar. 2008.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. A Observação Participante enquanto técnica de investigação. In: *Periódico Pensar Enfermagem*. Volume 13, nº 2, 2º semestre de 2009. Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Portugal, 2009.

CONDE, Cecília e NEVES, José Maria. Música e educação não-formal. *Pesquisa e música*. Rio de Janeiro, v.1, nº1. p. 41-52, 1985.

GONÇALVES, Aline Moreira, COELHO, Mayara Pacheco, CHAVES, Sábatha Resende, RIBEIRO, Sérgio Rossi, FRADE, Rodrigo Manuel e VIEIRA-SILVA, Marcos. O papel social das bandas de música no campo das vertentes. – Programa de Iniciação Científica -, Universidade Federal de São João del-Rei, 2009.

GRANJA, Maria de Fátima Duarte & TACUCHIAN, Ricardo. Organização, Significado e Funções da Banda de Música Civil. Pesquisa e Música. Rio de Janeiro: Conservatório Brasileiro de Música, v.1, n.1, p. 37, 1985.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. Estética: À procura de um Mundo sem Vis à vis. Editora Novas Metas, 1984.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. Educação Musical no Terceiro Mundo. *In*: Cadernos de Estudo - Educação Musical nº 1, Universidade do estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais: Atravéz, 1997a.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. I Curso Internacional de Férias. *In*: Cadernos de Estudo - Educação Musical nº 6, Universidade do estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais: Atravéz, 1997b.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. A Imagem do Mundo na Estética de Nosso Século. *In*: Cadernos de Estudo - Educação Musical nº 6, Universidade do estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais: Atravéz, 1997c.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. A Música na Era Tecnológica. *In*: Cadernos de Estudo - Educação Musical nº 6, Universidade do estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais: Atravéz, 1997d.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. Educação e Cultura em um Mundo Aberto como contribuição para promover a paz. *In*: Cadernos de Estudo - Educação Musical nº 6, Universidade do estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais: Atravéz, 1997e.

NACHMANOVITCH, Stephen. Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte. São Paulo: Summus, 1996.

PAREJO, Eny. Contribuições do desenvolvimento expressivo-musical multimodal para o processo de formação do professor e sua prática pedagógica. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

PENNA, Maura. Reavaliações e buscas em musicalização. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

PICHÓN-RIVIÈRE, Enrique. Teoria do Vínculo. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PICHÓN-RIVIÈRE, Enrique. O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RAMALHO, Cybele M. R. Psicodrama e Dinâmica de Grupo. Aracaju: 2010.